

PERTO DO CORAÇÃO DE CLARICE

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. p. 493.

A biografia de Clarice Lispector que acaba de ser lançada pela Ática, da autoria de Nádía Battella Gotlib – *Clarice: uma vida que se conta* – retoma a temática do autor como centro da pesquisa acadêmica, ao se debruçar sobre a obra e a vida de uma das maiores escritoras brasileiras. Representa ainda um marco na área das publicações de biografias literárias no Brasil, por se distinguir das publicações no gênero, dotadas, na sua maioria, de dicção e natureza jornalísticas, pelo seu apego à recriação romantizada dos fatos ou à narrativa de curiosidades e de suspenses. O livro de Nádía Gotlib recupera a tradição das biografias literárias, não aquelas voltadas para o psicologismo ou a prisão à fidelidade dos fatos e documentos, mas entre as que tiveram a assinatura de uma Lúcia Miguel Pereira, ao escrever sobre Machado de Assis. Sua originalidade é a de estabelecer o enlace entre obra e vida do autor, sem que haja relações de dependência entre os “dados de ordem biográfica e dados de leitura crítica de seus textos”, como anuncia Nádía na apresentação da biografia.

O grande mérito deste livro reside justamente na maneira pela qual os traços biográficos ganham em dimensão metafórica e não se restringem a narrar a história de uma vida. A íntima simbiose entre arte e existência, entendida no seu estatuto de suplemento e representação, recebe da ensaísta um tratamento metafórico, em que são criadas pontes entre os fatos e a interpretação dos mesmos. Apresentado sob a forma de imagens, sejam elas icônicas ou literárias, o material recolhido pela biógrafa – retratos, reproduções de documentos, desenhos, manuscritos, depoimentos, entrevistas,

correspondência e a própria obra ficcional – traduz uma leitura de ordem intersemiótica e intercultural.

Utilizando-se de procedimentos analíticos que caracterizam o ensaio biográfico, a escrita de Nádía se constrói pela exploração conceitual de cenas literárias, paraliterárias e pictóricas, responsáveis pelo traçado do retrato de Clarice. O emprego de recursos inerentes à técnica narrativa – a criação de um décor no qual vários enredos são desenvolvidos, a presença de personagens-autores e de personagens-leitores, assim como a exploração de variados pontos de vista sobre o tema, Clarice – configuram a natureza do livro como um ensaio narrativo de biografia literária.

De maneira inteligente, sensível e exemplar, o texto de Nádía põe em articulação os difíceis meandros entre os níveis da representação e da realidade, do signo e da coisa, da autobiografia e da *bio*, da grafia e do rosto, da letra e da imagem, da luz e da sombra, assim como da vida e da morte. E o que é mais importante: sem a intenção de captar ingenuamente a totalidade da existência ou a completude da obra. Motivada pela clara proposta de ser a narrativa biográfica pautada pelo fragmento e o olhar enviesado de quem a constrói, *Clarice: uma vida que se conta* expressa pontos de vista construídos não só pelo trabalho individual de pesquisa, mas também pela pluralidade de vozes em torno do mesmo objeto. Por essa razão, esta biografia traz ainda contribuições inéditas para a historiografia literária brasileira.

Ao apresentar uma posição contemporânea frente à produção de uma biografia literária, desmitifica, portanto, não só o exercício parasitário e museológico da antiga prática biográfica acadêmica como o gênero meramente jornalístico, próprio das grandes e sensacionalistas narrativas sobre homens e escritores célebres. No seu texto, sujeitos se entrecruzam e alteridades se exibem através de aguda investigação, pelo fato de a pesquisa não se deter apenas na verdade documental e objetiva dos fatos, mas nas assinaturas rasuradas e nos retratos

retocados da escritora, gestos significantes da precariedade literária e cultural da cena da autoria.

O nome Clarice dá título ao livro. Lispector fornece, além do nome, a referência para que se penetre nos meandros da biografia construída por Nádia Gotlib, pautada não só pelo material coletado na pesquisa, como pela leitura desconstrutora do que se entende por uma biografia nos tempos contemporâneos:

Como atestar uma identidade? Uma das vias possíveis são os documentos oficiais. Quem foi Clarice Lispector, segundo a versão oficial dos documentos oficiais que ficaram? A história dessa identificação poderia começar com uma certidão de nascimento expedida na Ucrânia, por oposição do nascimento de Clarice. Mas não existe no Brasil cópia desse documento. E teria ele existido mesmo? (p. 58).

Sem pretender revelar verdades, o que trairia o perfil da personagem biografada, o texto de Nádia é sensível ao resquício que ficou do nome dos antepassados russos, os Lispector: uma coisa, um significante, um “lírio no peito”. A etimologia do nome, além de reforçar a idéia de um destino ligado à força da palavra como criação e à motivação do nome como forma de burlar a opacidade entre ficção e real, mantém aceso o sentido de ser a literatura a contraparte, em negativo, da experiência vital. A análise de Nádia Gotlib quanto a este tópico introduz as indagações de Clarice sobre o seu próprio nome:

Clarice Lispector. Este é seu nome. E foi a própria Clarice quem indagou da origem do seu nome. Perguntou ao pai “desde quando havia Lispector na Ucrânia” e ele respondeu que vinha de “gerações e gerações anteriores”. E ela acrescentou: “Eu suponho que o nome foi rolando, rolando...perdendo algumas sílabas e se transformando nessa coisa que é...parece uma coisa...*lis no peito* ou, em latim, *flor-de-lis*. (p.59).

O nome remete ainda para o lugar ocupado pela escritora na Literatura Brasileira, assinatura inscrita no coração da palavra, traço principal da arte de uma das maiores expressões literárias do século XX. Palavra que funciona como ruína de uma genealogia familiar, como se a portadora do nome

quisesse afirmar que a identidade ignora os lugares fixos, por se guiar pelo gosto da mobilidade que a literatura e a imaginação lhe permitem.

Não é gratuita a análise feita por Nádia quanto à variedade de imagens construídas em torno de Clarice, e dentre elas as que se referem à língua e ao sistema de trocas interculturais aí existentes. Nascida na Ucrânia e chegando ao Brasil com apenas dois meses, a escritora declara ser o português a sua língua materna. Com os pais judeus não aprende o russo nem o ídiche, e, pelo fato de ter a língua presa, consideravam-na uma estrangeira que se expressava com sotaque. Segundo a biógrafa, esse aspecto linguístico irá marcar fortemente um dos incapturáveis disfarces de Clarice: “As três línguas oferecem três imagens de Clarice. A língua que falou. A língua que nunca falou. A língua que não falou mas pensaram que falava.”(p.66).

Nos anos 40, por ocasião do lançamento de seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem*, a narrativa de Clarice foi considerada, por vários críticos literários, como “experiência incompleta” e “recheada de traços autobiográficos”. Esta postura era tributária dos estudos que ressaltavam o caráter imanente da obra e, como consequência, a defesa de um texto acabado e estruturalmente organizado. Sem a elegância dos críticos de jornal dos anos 40, a imprensa marron ainda se utiliza, nos tempos atuais, de artifícios de ordem pessoal ao emitir opinião sobre a biografia de Clarice. O jornalista da revista *Veja*, Leo Gilson Ribeiro, no curto e grosso texto ali publicado, por ocasião do lançamento do livro, simplesmente expressa a sua raiva em ver editado um livro que, na realidade, gostaria de ter escrito. Continuará até hoje a existir uma censura ao texto assinado por mulheres? De fato, a biografia literária deve incomodar a quem não consegue fazer de sua “crônica” semanal mais do que um frágil lance de injúrias.

O belíssimo projeto gráfico do livro, em que o

preto e o branco reproduzem o positivo e o negativo de um retrato recomposto com a ajuda de vários traços e diferentes olhares, traz na capa o esboço de um rosto que se oferece como mistério e enigma, fruto do desenho fino de Ceschiatti. Na contracapa, De Chirico assina um retrato de cores fortes e de emoções vermelhas. Ao leitor é dada a tarefa de recomposição de outros retratos, nascidos de novos arranjos e igualmente exibidos de maneira a ressaltar perfis multifacetados e fugidios.

O final de *Clarice: uma vida que se conta* recompõe, em fragmentos, os textos e falas da escritora, acometida de câncer e entregue à reflexão sobre a sua poética de vida. Inscrito no corpo, o nome Lispector se transforma em literatura, doação de palavras e troca simbólica, num momento em que os lírios no peito se encontram prestes a sofrer o golpe desmetaforizante da morte. Clarice, ser literário e eterno, sente, contudo, a força da metáfora e a lucidez metafísica da morte e da ressurreição cristalizadas na assinatura incrustada no próprio peito:

Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito(...). Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque estas coisas - se não forem dadas - fenecem. Por exemplo - junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço. (p.482-483).

O livro de Nádia Gotlib vem trazer mais luz a esta literatura que os lírios no coração de Clarice nos legou, ao relatar, com sensibilidade, paixão e rigor, a história de uma existência que se transformou, gradativamente, em ficção.

Eneida Maria de Souza
UFMG

VOZES DO CORPO

SANTIAGO, Silviano. *Cheiro forte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

O historiador Paul Veyne, em recente entrevista, disse que “existem sempre duas tendências na poesia, uma concepção um pouco sagrada, onde a obscuridade domina, e uma concepção bem mais carnal.” Creio que *Cheiro forte* de Silviano Santiago, livro de poemas perturbador, aproxima-se mais da segunda tendência, embora em nenhum momento abra mão de um rigoroso e refinado trabalho com a linguagem.

O professor e o crítico que Silviano também é não abandonaram o poeta de *Cheiro forte*. As epígrafes e o posfácio iluminam a leitura dos poemas. No fragmento kafkiano escolhido para uma das epígrafes estão as marcas da diferença (“o mais pensativo de todos”) e do orgulho (“não precisa de ajuda, não cai”) que acompanham o sujeito lírico nos poemas. E nos quadros de Rui Gonçalves – a outra epígrafe – anunciam-se as tensões básicas do livro: “razam/paixam”, “razam/sexualidade, coração”.

Os poemas não trazem títulos, mas todos eles falam do corpo e, principalmente, deixam o corpo falar. Um corpo que se sabe morrendo todos os segundos. Um corpo que se sabe vivendo todos os segundos. “Mordo o hoje/para sabê-lo/saboreá-lo/chupá-lo”. Um corpo reconhecidamente precário (“estranha geringonça”), que demanda compreensão e benevolência (“saiba compreendê-lo”), reconforta o médico.

A doença e o desejo são as vozes privilegiadas do corpo. A primeira se envulta em versos que traduzem uma visão boschiana (uma “besta feroz” com as “mandíbulas abertas”) e o segundo se materializa em imagens tensionadas entre a violência e a delicadeza. O matiz é a própria delicadeza da arte e, nesses poemas de Silviano, convive com a